

52/04/20
Luis Cavaco
p. 3, 8

20-04-52

SBH
P. 137 P. 16

25



REBELIÃO E CONVENÇÃO-I

Sergio Buarque de Holanda

DE Carlos Drummond de Andrade timentalismo ou na imitação pura pôde escrever certa vez Otto Maria Carpeaux que era o primeiro grande "poeta público" do Brasil, o único comparável à moderníssima corrente da poesia inglesa".

Ditas, creio que em 1940, e a propósito desse *Sentimento do Mundo*, onde o próprio autor julgara ter resolvido as contradições fundamentais de sua obra, essas palavras pareceram então plenamente justificadas. Hoje, no entanto, quando a "moderníssima corrente" a que aludira o crítico não nos parece sequer moderna, quando aqueles mesmos que tão admiravelmente a representaram, não respondem mais aos apelos do "fato exterior" mas preferiram desterrar-se na contemplação íntima, no misticismo, no puro sen-

dos antigos e dos clássicos, o menos que delas se poderá dizer é que são de uma flagrante inatualidade. Vista da distância em que nos achamos, aquela poesia "pública" parece nascida de uma compulsão momentânea e efêmera, do honesto zelo que moveu certos autores, em certa época, a "defender os maus contra os piores" — para falar como um deles — ou nascida, quando muito, de algum singelo equívoco.

Tanto isto é exato, que o poeta, entre nós, do "sentimento do mundo", nosso maior "poeta público", tendo sofrido a mesma compulsão ou participado do mesmo equívoco acabou seguindo por conta própria, independentemente daqueles autores, uma trajetória em tudo semelhante à deles. E no pórtico de seu último e grande livro — *Claro Enigma* (Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1951) — não teve dúvidas em inscrever a confissão de Valéry: "Les événements m'ennuient".

Há de iludir-se, porém, quem veja nesse aparente desapego ao "acontecimento" o reverso necessário de alguma noção transcendental da poesia: poesia entendida como essência inefável, contraposta ao mundo das coisas fugazes e finitas. Se a voz de Drummond nos parece agora mais severa e pausada, mais rica, além disso, em substância emotiva, e não raro envolta numa espécie de pátina artificial, que chega a denunciar neste poeta inesperadas complacências com certa preocupação retórica, ela ainda é, em suma, a mesma voz que, em outro livro, vimos exclamar:

Poeta do finito e da matéria

cantor sem piedade, sim, sem [frágeis lágrimas.

E também:

O tempo é minha matéria, o [tempo presente, os homens [presentes,

A vida presente.

O exercício ocasional de um tipo de poesia militante e contencioso terá servido para purificar ainda mais uma expressão que já alcançara singular limpidez. Mas o impulso que o levaria a superar essa poesia militante não chegaria nele a abolir a preocupação constante do mundo finito e das coisas do tempo.

E' inevitável, sem dúvida, que do ponto de vista ideal da "poesia pura" esse mundo e estas coisas devam abrigar certa dose de prosaísmo. Mas com uma intuição sempre segura do mistério da poesia, Carlos Drummond de Andrade bem sabe que uma depuração extrema, capaz de eliminar da



poesia todo prosaísmo, lhe seria mortalmente nefasta. Na poesia, e muito particularmente na sua poesia, o "prosaico" não é negação, é antes condição do "poético" — admitindo que se possam separar os dois termos de forma tão caprichosa — é um modo, em outras palavras, de intensificar-se o poético pela própria força do contraste.

A mesma intuição, reforçada por uma consciência artística bem educada e vigilante, deverá dizer-lhe ainda que uma linguagem poética destilada ao último grau, reduzida a sua suposta essência, liberta, assim, de todo elemento "prosaico", pode constituir um remoto ideal de críticos e lógicos, não uma aspiração efetiva do poeta. Esse ideal provem, em última análise, da reflexão e do espírito de sistema, que certamente importam na medida em que se achem integrados na própria criação, mas não deixam de encerrar perigos graves uma vez que se emanciparam para erigir-se em sagrados mandamentos, universalmente válidos. Influida por ele, a poesia logo se faz presunçosa e intratável. Ou então, é simplesmente suprimida, como as barbas daquele professor da anedota, que jamais cogitara em indagar onde as metia durante o sono, se em baixo ou em cima do lençol. No dia em que lhe apresentaram o problema, não achou melhor remédio do que livrar-se delas, como de um traste incômodo e inútil.

NESSA incorporação do "prosaísmo", que em sua forma extrema pode degenerar no que se chamou a "poesia piada", o autor de *Claro Enigma* destacou-se nitidamente de uma boa parte dos poetas da geração mais recente, quando pretendem chegar a uma expressão genuína e exclusivamente poética. Nos melhores casos, esses autores, que por outros aspectos tanto devem a Carlos Drummond de Andrade, não parecem seriamente prejudicados pela adesão a esse ideal crítico da pura poesia, uma vez que as próprias

(Conclui na 8.ª página)

Continua no verso

REBELIÃO E...

(Conclusão)

noções do "poético" e do "prosaico" dependem largamente de critérios subjetivos, e não há como chegar-se sobre elas a um acôrdo duradouro.

No mais, inclusive na exigência de um maior apuro técnico (e ainda no reiterado recurso às formas brevilineas) cabe dizer que se antecipou muito a essas tendências de nossa poesia mais recente. Quando ainda estavam longe de manifestar-se tais tendências ele chegou mesmo a escrever no fragmento autobiográfico inserido nas *Confissões de Minas*, estas palavras características: "Entendo que poesia é negócio de grande responsabilidade, e não considero honesto rotular-se de poeta quem apenas verseja por dôr de cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea tomada de contato com as forças líricas do mundo, sem se entregar aos trabalhos quotidianos e secretos da técnica, da leitura, da contemplação e mesmo da ação. Até os poetas se armam, e um poeta desarmado é, mesmo, um sêr à mercê de inspirações fáceis, dócil às modas e compromissos. Infelizmente exige-se pouco de nosso poeta; menos do que se reclama ao pintor, ao músico, ao romancista". E no prefácio às *Confissões* já se denunciavam os escritores que vivem esmagados pelo "pêso da aceitação e da facilidade".

PALAVRAS sobretudo características por virem de um autor surgido do modernismo, desse mesmo modernismo, tantas vezes acusado de estimular a sedução da facilidade e do desleixo. O certo é que essa sedução não constitui privilégio deste ou daquele movimento literário, e não parece mais peculiar ao modernismo do que a outras tendências, inclusi-

ve e especialmente ao chamado pos-modernismo. A diferença está em que, no modernismo, ela vem muitas vezes do simples amor à rebelião, que pode redundar no amor à indisciplina. De modo que tudo quanto escapa às normas vem a ser logo canonizado pelos admiradores incondicionais. No "pos-modernismo", ao contrário, a facilidade prende-se ao gosto da norma aceita, que se confunde tantas vezes com o da convenção e o do estereotipo.

Quem não reconhece esse gosto do estereotipo nos decretos, por exemplo, de um dos jovens poetas da "geração de 45" (o sr. Domingos Carvalho da Silva), quando sustenta que o bom verso não contém esdrúxulas (apesar de Camões), que a palavra "fruta" deve ser desterrada da poesia, em favor de "fruto" e a palavra "cachorro" igualmente abolida, em proveito de "cão", e mais que o Oceano Pacífico (adeus Melville e Gauguin!) não é nada poético, bem ao oposto do que sucede com seu vizinho o Oceano Índico?

E' possível, talvez, objetar que essas curiosas pretensões vêm de simples idiosincrasias pessoais, não podendo, por conseguinte, exprimir o pensamento de tôda uma geração. A verdade é que nelas se denuncia, não tanto, como pode parecer, uma ininteligência maciça e inveterada de tudo quanto toca à poesia, mas uma inteligência simplesmente afoita, por isso mesmo que insegura e ainda canhestra. Mas ainda neste ponto reveladora. Reveladora principalmente dos perigos que, aos metros em suas horas de repouso ou fraqueza, podem aguardar uma geração tão inclinada a erigir o

Letras e Artes

(Conclusões das 2.^a e 3.^a páginas)

"poético", quer dizer o bonito, quer dizer o estereotipo, em ideal exclusivista da poesia.

Nos antípodas desse ideal é que vamos encontrar a poesia do sr. Carlos Drummond de Andrade, desde seu livro de estréia, quando dizia, dos jardins da Praça da Liberdade:

Paisagem sem fundo

A terra não sofreu para dar estas
[flores

Sem ressonância.

O minuto que passa desabro-
[chando em floração inconsci-

[ente.

Bonito demais. Sem humanidade.
Literário demais.

Para remessa de livros:

Rua Haddock Lobo, 1625 (São Paulo).